



O conceito de *contemplação* na educação monástica medieval: reflexões sobre Bernardo de Claraval

The concept of *contemplation* in medieval monastic education: reflections on Bernard of Clairvaux

Terezinha OLIVEIRA¹
Rita de Cássia PIZOLI²

Resumo: Este artigo reflete sobre o pensamento de Bernardo de Claraval (1090-1153) a fim de compreender a dinâmica da educação monacal cisterciense e sua influência no processo educacional do século XII. À luz da história social, na primeira parte, apresenta alguns aspectos das estruturas sociais da cristandade medieval ocidental, relacionando o contexto mais amplo com a proposta de reforma monacal cisterciense que encaminhou a Igreja para um momento importante frente ao poder temporal, com o papa Inocêncio III (1198-1216). Bernardo de Claraval tornou-se uma peça chave da reforma eclesial que estava em curso na sua época. Seus sermões revelam a dinâmica entre ação e contemplação e, por meio delas, podemos perceber a influência do autor na direção da sociedade, propondo valores como fé e amor autênticos, consciência de si, gosto pela pureza espiritual e a reafirmação da figura humana como imagem e semelhança de Deus. Essa visão humanista cristã e a valorização do conhecimento interior, como consciência de si, foram os fundamentos para o movimento místico desenvolvido pelos cistercienses. Por fim, o texto apresenta reflexões a respeito do *Sermão sobre a Vigília do Natal* para explicitar a devoção à humanidade de Jesus como uma das bases teológicas para a aprendizagem do itinerário de ascese para a contemplação, entendida como capacidade psíquica desenvolvida pelos monges para alcançar a unidade entre afetividade e razão.

¹ DFE/PPE/UEM – Pesquisadora do CNPq/PQII. E-mail: teleoliv@gmail.com

² Discente do Programa de Doutorado em Educação, linha História e Historiografia da Educação, PPE/UEM. Professora do Colegiado de Pedagogia da UNESPAR/FAFIPA.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Abstract: This article reflects on the thought of Bernard of Clairvaux (1090-1153) in order to understand the dynamics of the Cistercian monastic education and its influence in the educational process in century XII. In light of social history, the first part presents some aspects of the social structures of medieval christian west, relating the broader context with the Cistercian monastic reform proposal that forwarded the Church for an important moment against the temporal power, with Pope Innocent III (1198-1216). Bernardo of Clairvaux became a part key of the church reform that was in course, from the gregorian reform and has in contact with all the importants points of the conflicts politicians of its time. Its letters and its writhings disclose the dynamics between action and contemplation that if became its life and, by means of them, we can perceive the influence in the direction of the society, that if wants guided in the values of the authenticity of the love, conscience of itself, taste for the pureness spiritual and the affirmation of the dignity of the man as image and similarity of God. This vision Christian humanist and the valuation of the knowledge as conscience of itself, were the basis for the mystical movement developed by the Cistercians. Finally, the text presents reflections on the Sermon on the Vigil of Christmas to explain the devotion to the humanity of Jesus as one of the theological basis for learning the route of ascent to contemplation, as understood by the monks developed psychic ability to achieve affection and unity between reason.

Palavras-chave: Educação monacal – Cistercienses – Bernardo de Claraval.

Keywords: Monastic Education – Cistercians – Bernard of Clairvaux.

RECEBIDO: 13.04.2013

ACEITO: 21.05.2013

Introdução

Este trabalho aborda um aspecto da educação no século XII, aquela que ocorre no interior do movimento monástico cisterciense. No século XII, quando viveu Bernardo de Claraval (1090-1153), o cenário educacional formal era composto por diversas instituições, dentre as quais destacavam-se as escolas catedrais, canônicas e as escolas monacais.

O conhecimento tradicional e o sentido histórico eram representados pelos monges e, especialmente por São Bernardo; enquanto que o nascimento do novo método teológico, o qual aplicava a dialética ao conteúdo da fé e da Escritura, estava relacionado a Abelardo. A teologia



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

monástica estava baseada sobre uma exegese histórico-salvífica e tipológica da Escritura, a qual seria útil para a vida espiritual do leitor. [...] A teologia científica, entretanto, enfrentava a tarefa da exegese de uma maneira diferente, dissociada da experiência espiritual. O importante para a ciência teológica era um uso racionalmente correto da lógica e da dialética na exposição sistemática do conteúdo da fé. (EHLERS apud SIMÓN, 2011, p.4).

A escola cisterciense iniciou o movimento místico no século XII, buscando o sentido da vida experimentada pelos padres do deserto e pelos primeiros monges. Assim, o conhecimento produzido por essa escola está ligado essencialmente à formação da cultura monástica no Ocidente. Como Leclercq (2002) explica em seu livro “*L’amour dès lettres et le désir de Dieu*”, esse conhecimento foi construído a partir da junção de vários elementos: a gramática, a retórica, as artes liberais, a patrística, as Sagradas Escrituras, a *lectio divina*, a escatologia e a contemplação. Perpassando os séculos, esse saber manteve um fio condutor baseado na busca constante do desenvolvimento da capacidade contemplativa que gerou um conhecimento intelectual teológico repleto de reflexão. De acordo com o autor,

O conteúdo da cultura monástica é simbolizado, sintetizado por estas duas palavras: gramática e escatologia. De um lado é necessário o conhecimento da literatura para se aproximar de Deus e expressar o que se intui de sua realidade, de outro, é necessário superar incessantemente a literatura para se alcançar a vida eterna. (LECLERCQ, 2002, p.63, tradução livre).³

Nessa passagem, o autor ressalta o papel da gramática para a leitura e a compreensão da Sagrada Escritura, da tradição patrística e da literatura clássica e da escatologia para a superação e a transcendência desse conhecimento. Isso significa que os monges tinham que estudar muito e não apenas ficar esperando a manifestação do Espírito Santo sobre a ignorância.

Até o século X, a hegemonia escolar era monacal, só depois foi gradualmente se tornando episcopal. Dessa forma, a cultura e o ideal de futuro foram transmitidos às gerações posteriores essencialmente pelos monges. Os monges

³ Il contenuto della cultura monastica è apparso come simbolizzato, sintetizzato, da queste due parole: grammatica ed escatologia. Da una parte è necessaria la conoscenza delle lettere per avvicinarsi a Dio ed esprimere quel che si intuisce della sua realtà; dall'altra bisogna incessantemente superare la letteratura per tendere alla vita eterna.



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

foram os mestres responsáveis pela formação humana nas escolas e, por este motivo, não há como escrever sobre a história da educação medieval sem nos aprofundarmos no estudo da cultura monástica. Essa cultura, baseada na preservação dos clássicos greco-latinos e na transmissão dos ensinamentos patrísticos, deu condições para que a escola se constituísse como o lugar de externalização do pensamento próprio do período medieval, o pensamento escolástico. Nesse caso, a escola era um lugar de formação espiritual destinada a formação dos futuros monges e padres seculares. No seu interior, o ensino era destinado, com maior ênfase, ao cultivo da espiritualidade, mas não desconsiderava o cultivo da literatura, da filosofia e o estudo das artes liberais.

De acordo com Leclercq (1989), desde o século IX havia cooperação entre as escolas monacais e as escolas catedrais, ocorrendo, em geral, um intercâmbio de alunos para complementarem sua formação intelectual e contemplativa. Todavia, a partir do século XII as diferenças foram marcantes entre essas duas instituições: a primeira marcada pelo exercício da contemplação e a segunda pelo estudo das artes liberais.

Na obra *Humanismo e Cultura monástica*, Jean Leclercq (1989) explica que a formação do monge era feita em duas partes. A primeira constituída pelo ensino da gramática, a literatura, a retórica e o conteúdo filosófico da antiguidade clássica (lógica, filosofia e dialética), compilados por autores cristãos como Gregório Magno, Isidoro de Sevilha, entre outros. Só depois estudavam as Sagradas Escrituras e as obras Patrísticas.

[...]

o estudo dos autores pagãos era necessário para os monges e ao mesmo tempo perigoso; necessário como instrumento para aprender a língua cristã de seu tempo, que era o latim; perigoso para a sua fé e para os seus costumes.

[...]

A sedução era sentida de maneira muito forte no campo da moral. Nós não lemos com frequência Plauto, Ovídio, Terêncio nem entendemos o que essa leitura poderia causar na imaginação dos homens na qual essa leitura se fazia viva, especialmente nos adolescentes ou nos copistas. O estudo tornava existencial o conflito entre literatura e vida espiritual: era uma questão de pureza de coração e de corpo. Não era uma atitude especulativa, que pretendia ser objetiva com relação às coisas terrenas.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

[...]

diante da literatura profana, seja durante os estudos preparatórios, seja depois, o estudo põe em jogo a vida monástica (LECLERCQ, 1989, p.58-60, tradução nossa).⁴

Esse excerto põe em evidência o conflito que a monástica enfrentou por todo o medievo. O conteúdo da literatura humanística antiga era necessária na formação do monge, por outro lado, seu conteúdo poderia pôr em risco sua própria existência. Essa era a diferença principal no ensino da filosofia nas escolas catedrais e monacais. Enquanto nas primeiras, as mudanças eram aceitas com certa tranquilidade, nos mosteiros, não eram aceitas, pois, tradicionalmente colocariam em risco sua própria continuidade. Leclercq (2002) explica bem esse conflito:

Assim, tanto no claustro como na escola, se procura a “inteligência da fé”, mas essa não é exatamente a mesma nos dois ambientes, nem é obtida com o mesmo método. [...] em ambos os casos, se trata de uma atividade teológica. O procedimento intelectual não pode ser essencialmente diverso, tanto uma como a outra utilizam a dialética. Mas o contexto psicológico é diferente. O abuso da dialética gera uma forma de curiosidade que os monges evitam: essa parece contrária a humildade que é fundamento beneditino da vida monástica. Os monges amam citar a palavra de S. Paulo: *Scientia inflat*. A esta ciência vã, opunham a “simplicidade”, que não causa enganos (LECLERCQ, 2002, p.269, tradução nossa).⁵

⁴ [...] lo studio degli autori profani era necessario per i monaci e al tempo stesso pericoloso; necessario come strumento per imparare la lingua cristiana del loro tempo, che era il latino; pericoloso per la loro fede e per i loro costumi.[...] La seduzione era sentita in modo più forte e immediato nel campo della morale. Noi non leggiamo più con molta frequenza Plauto, Ovidio, Terenzio e facciamo fatica a immaginare il turbamento che essi potevano provocare nell'immaginazione di uomini nei quali questa era viva, soprattutto negli adolescenti o anche nei copisti.[...] il carattere concreto, reale, per così dire esistenziale che rivestiva il conflitto tra letteratura e vita spirituale provocato dagli studi: era una questione di purezza del cuore e del corpo. Non si trattava di un atteggiamento speculativo, che pretendeva di essere oggettivo, nei confronti delle realtà profane. [...] anche di fronte alla letteratura profana, sia durante gli studi preparatori sia in seguito, egli mette in gioco la sua vita monastica [...]

⁵ Così da una parte e dall'altra, nel chiostro e nella scuola, si cerca “l'intelligenza della fede”; ma essa non è esattamente la stessa nei due ambienti, né è ottenuta con mezzi del tutto simili.[...] in entrambi i casi, si tratta di un'attività teologica. E il procedimento dell'intelligenza non può essere essenzialmente diverso; essa fa appello da una parte e dall'altra, alla dialettica. Ma il contesto psicologico è diverso. L'abuso della dialettica genera

O confronto entre humildade e curiosidade diante da ciência é bem acentuado no pensamento de Bernardo de Claraval, pois, ele insiste na permanência da humildade, no sentido tradicional e, por este motivo, se posiciona contra qualquer intelectual que entenda o contrário. Ele não é contra a ciência, mas entende que seus domínios devem ser submetidos pela razão.

A humildade é a primeira atitude que o monge deve ter diante do conhecimento, pois, a curiosidade, ao contrário, leva à vaidade e distancia o intelecto da verdade. Bernardo comenta sobre a vaidade que pode nascer naqueles filósofos que esquecem a obediência ao conteúdo da doutrina e das Sagradas Escrituras neste trecho dos Sermões dos Cânticos dos Cânticos:

É verdade que ouvimos alguma vez alguém que professa a religião se vangloriar descaradamente de suas culpas passadas, como se houvesse sustentado uma luta ou ter vencido seus opositores em alguma disputa famosa ou coisas semelhantes, que a vaidade do mundo estima muito, embora sejam muito nocivas, prejudiciais e perigosas para a salvação da alma. Com esta linguagem demonstram ter o espírito do século, a roupa humilde que vestem não provam a renovação do seu viver, sendo apenas uma capa que cobre seus antigos desarranjos. (BERNARDO DE CLARAVAL, *SC*, 16, 9, tradução nossa).⁶

Não há uma postura contrária à ciência por parte de Bernardo, mas um repúdio àqueles que a buscam como fim último. Para ele, o conhecimento só é pleno quando a pessoa, além dele, possui a sabedoria, ou seja, o sentimento que faz a sua mente plena de desejo e disposição para executar ações sábias. Essa sabedoria nasce do temor de Deus, ou seja, da união, por meio do amor, àquele que é fonte de todo conhecimento. Sem a sabedoria que vem do temor de Deus, os homens podem ser eruditos, mas não sábios. Nesse sentido,

una forma di curiosità che i monaci rifiutano: essa appare loro contraria a quell'umiltà di cui S. Benedetto aveva fatto il fondamento della vita monastica. I monaci amano citare le parole di S. Paolo: *Scientia inflat*. A questa scienza vana, opponevano la "semplicità", a proposito della quale, però non bisogna ingannarsi.

⁶ Es cierto, sin embargo, que alguna vez hemos oído a quienes profesaron religión alabarse con sumo descaro de sus culpas pasadas, como de haber sostenido un duelo o de haber vencido a sus contrarios en alguna disputa famosa y cosas semejantes, que la vanidad del mundo estima en mucho, aunque son muy nocivas, perjudiciales y peligrosas para la salvación del alma. Con este lenguaje demuestran tener todavía el espíritu del siglo; el hábito humilde que llevan no prueba la renovación de su vivir, siendo sólo una capa con que cubren sus antiguos desarreglos.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Bernardo defende o elemento essencial do monaquismo, o de que o princípio da fé supera a ciência. Os monges usariam a inteligência, a dialética e a ciência, mas a superariam, infinitamente, porque essas transcendem para o mistério da fé, assim como o mistério de Deus transcende a natureza, princípio comprovado no *Proslogio* de Anselmo de Bec (1033-1109) (LECLERCQ, 2002, p. 286).

I. A sociedade do século XII e Bernardo de Claraval

O principal representante e autor das obras aqui estudadas é Bernardo de Claraval. Nasceu em 1090, num castelo localizado em Fontaines, um pequeno ducado da Borgonha, a poucos quilômetros de Dijon. Filho de Tescelino e Aletta, ambos filhos de vassalos do duque da Borgonha, Eude I. Sua formação escolar foi baseada no *trivium*, com ênfase na retórica e gramática. Com vinte e três anos, decidiu tornar-se monge numa ordem austera, Citeaux, desejosa de viver valores próximos à vida monacal primitiva e a regra beneditina. Reuniu outros jovens para juntar-se a ele formando uma comunidade religiosa em Claraval que, em pouco tempo, se tornou a ordem com maior número de mosteiros da sua época. Bernardo de Claraval tornou-se o abade geral da ordem de Cister e escreveu uma vasta obra. Seus sermões, cartas e tratados enfatizaram a necessidade da contemplação e da oração, numa tentativa de direcionar toda a sociedade aos valores do monacato.

Os aspectos sociais do seu tempo são marcados por uma grande complexidade com relação à religião. Gregório VII (1020/5-1085) acabava de consolidar um novo impulso à vitalidade cristã reforçando o poder eclesiástico, na chamada reforma gregoriana. Urbano II (1042-1099), havia convocado uma cruzada para recuperar Jerusalém e um grande vigor impulsionava a expansão da cristandade e das fronteiras comerciais. Em várias regiões do Ocidente surgiam movimentos de opinião que se opunham à hierarquia e eram chamadas de heresias.

Esses movimentos, em última instância, anunciavam a pureza de costumes que só seria possível longe da autoridade da Igreja constituída. Os eremitas abandonavam os mosteiros para viver de forma radical a vida religiosa, procurando imitar a vida dos Padres do Deserto. Os cistercienses se diferenciaram dos monges beneditinos de Cluny, procurando seguir uma vida mais parecida com os beneditinos do século VI, usavam hábitos de algodão cru, cultivavam a terra e diminuíram o trabalho litúrgico. De acordo com



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Vauchez (1995), a partir de meados do século XI, esses movimentos foram impulsionados pelo desejo de volta às origens:

Em resumo, todas as experiências religiosas desse tempo foram marcadas pela vontade de voltar à pureza original do cristianismo. O ideal da *Ecclesiae primitivae forma* se tornou a referência obrigatória da nova espiritualidade que, de maneira aparentemente paradoxal, procurava, em uma fidelidade intensificada no testemunho dos apóstolos e na mensagem evangélica, a resposta para os problemas levantados por uma sociedade em mutação. (VAUCHEZ, 1995, p.71).

Embora existisse semelhanças na espiritualidade dos movimentos religiosos, a ordem de Cister, ao contrário do movimento considerado herético, fortaleceu a hierarquia da Igreja e influenciou em suas decisões. Bernardo de Claraval foi diretamente conselheiro do Papa Eugênio III (1145-1153) e, além de orientar a maior autoridade de seu tempo, escreveu obras que poderiam direcionar o comportamento das pessoas que compunham os diversos segmentos sociais, entre eles, os senhores feudais, cavaleiros, nobres, estudantes e religiosos.

II. O conceito de *contemplação* na educação monacal cisterciense

Considerarmos que o conceito de contemplação que perpassa as obras de Bernardo de Claraval é um conceito histórico que constitui um pilar da teologia medieval, cujas raízes encontram-se no monaquismo e na patrística. Se pensarmos que, na perspectiva da longa duração, esses conceitos deram sustentação ao conhecimento filosófico medieval, então entenderemos que não representavam como hoje se imagina, um conhecimento esotérico e sentimental, mas significava a elaboração intelectual que permitia a reflexão das questões racionais e reais, uma vez que no pensamento filosófico medieval não havia a divisão entre fé e razão como conheceríamos após a modernidade.

No século XVIII, com a visão iluminista, a mística foi considerada marginal no campo do conhecimento. Vaninni (2000) explica que nesse período a palavra “mística” tornou-se um substantivo com significado ligado ao esoterismo, ou seja, ao campo das revelações secretas, reservadas a poucos. Dessa forma, o conhecimento místico passou a ser visto como extraordinário e, por isso, marginal às questões da vida material, sendo considerado dessa forma, um conhecimento equivocado. Todavia, a nosso ver, a mística ou pensamento místico medieval e, especialmente o conceito de contemplação é



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

um conhecimento teológico conquistado com estudo e com o desenvolvimento da leitura, escrita e reflexão, acessível a todo aquele que se dedicasse à aquisição desse conhecimento. Assim, não está num campo fora da realidade material, mas faz parte dos processos cognitivos alcançados pela racionalidade humana. Nesse sentido, os monges que escrevem e defendem a vivência e desenvolvimento da contemplação, como Bernardo de Claraval, tem também uma vida política e social ativa, interferindo nos assuntos candentes do seu tempo histórico.

São as indissociáveis relações entre a filosofia, a teologia e a mística que compõem o pensamento medieval monástico.

O monge procura na contemplação a verdade da fé. O teólogo das escolas investiga a verdade através de uma técnica dialética e de uma articulação racional que ajusta credibilidade e consistência intelectual ao ensino. As linguagens teológicas usadas são conseqüentemente diferentes. Para a escolástica, ela responde às exigências do desenvolvimento lógico, enquanto que a linguagem monástica usa imagens bíblicas, alegoria e simbologia. *“Mosteiro’ e ‘escola’ representariam, portanto, dois caminhos teológicos distintos para a verdade. Os monges cantam a Palavra no coro. Os mestres discutem a Palavra na escola. Não há, entretanto, nenhuma contradição nesse fenômeno, mas, antes, a acentuação de dois aspectos ou níveis que, sucessivamente, implicam em certas limitações correspondentes.* (GUTKNECHT apud SIMÓN, 2001, p.5, grifos nossos).

Racionalizar a fé na escola ou assimilá-la por meio da *lectio divina* e oração, no mosteiro, não foram atividades intelectuais indissociáveis, mesmo porque, as duas ocorreram de forma concomitante no mesmo local. Muitos mestres das escolas urbanas tiveram uma formação monástica e vice-versa.

A prática da *lectio* é explicada por Leclercq (2002) como uma atividade complexa que requer do monge não apenas o conhecimento memorizado da Sagrada Escritura, mas o conhecimento da gramática para o exercício da leitura e da interpretação adequada para o exercício da meditação. Leclercq parte do fundamento presente na Regra de São Bento:

[...] na Regra pode-se reconhecer dois componentes que já se manifestavam na vida de S. Bento: o conhecimento da literatura e a busca de Deus. O fato fundamental que é o seguinte: uma das principais ocupações do monge é a *lectio divina* que inclui a meditação: meditar e ler. Como consequência, é necessário



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

ter livros nos mosteiros, saber escrever, saber ler, e quem não sabe, deve aprender. (LECLERQ, 2002, p.14, tradução livre).⁷

Para ler e meditar, ou seja, cumprir sua função, o monge deveria utilizar plenamente sua capacidade de memória. Esse fenômeno, identificado como “reminiscência”, é um complexo sistema de conexões superiores do pensamento ativado pela disciplina da leitura, interpretação e rinação. Essa atividade fundamental da vida monástica é assim definida:

Para os antigos, meditar é ler um texto e aprendê-lo de memória, no sentido mais pleno deste ato, isto é, com todo o ser: com o corpo porque a boca o pronuncia, com a memória é que o se fixa, com a inteligência que compreende seu sentido, com a vontade que deseja colocá-lo em prática. (LECLERQ, 2002, p.19, tradução livre).⁸

Dessa forma, Leclercq afirma que não há vida monástica sem leitura e sem o conhecimento abstrato da prática da *lectio divina*, por isso, foram criadas escolas nos mosteiros. As escolas monacais, erigidas, inicialmente, com a finalidade de fornecer os elementos da gramática e retórica aos monges, foram ampliando suas áreas de atuação. Em seu bojo, foram produzidos textos teológicos os quais, combinando cultura humanística, patrística, bíblica e mística, caracterizam a atividade intelectual específica do monge.

A afetividade humana é uma atividade psíquica complexa e, portanto, também a espiritualidade ou a sensibilidade do humano diante do mistério do amor divino situa-se em um campo complexo de atividades psíquicas superiores. Acreditamos que o desenvolvimento dessa capacidade psicológica entre os monges era resultado da união entre o esforço racional e a abertura para a sensibilidade afetiva. Não era uma experiência passiva, que ocorria sem um

⁷ [...] nella Regola si possono riconoscere le due componenti che erano già manifeste nella vita di S. Benedetto: la conoscenza delle lettere e la ricerca di Dio. Il fatto fondamentale che si impone a questo proposito è il seguente: una delle principali occupazioni del manaco è la lectio divina che include la meditazione: meditari aut legere. Per conseguenza è necessario, nel monastero, possedere dei libri, saperne scrivere, saperli leggere; e dunque chi non lo sa deve impararlo.

⁸ Per gli antichi meditare è leggere un testo e impararlo a memoria nel senso più forte di questo atto, cioè con tutto il proprio essere: con il corpo poiché la bocca lo pronuncia, con la memoria che lo fissa, con l'intelligenza che ne comprende il senso, con la volontà che desidera metterlo in pratica.



questionamento racional: a experiência mística ou contemplativa não ocorria sem o conhecimento.

Nesse sentido, ao escrever sobre a contemplação ou experiência mística, os autores sintetizaram seu pensamento a respeito do processo de aquisição do conhecimento pela mente humana. Não separavam essa experiência divina do humano, mas buscavam elementos para explicar sua dimensão de unidade. A contemplação é um processo intelectual e afetivo que, em um processo educativo ascendente, visa a integralidade da pessoa. Por este motivo, a literatura monacal tem vários escritos que descrevem itinerários espirituais com passos a serem percorridos a fim de chegar ao pleno desenvolvimento de si mesmo e encontrar a capacidade de contemplar a Deus.

II.1. A reflexão sobre a humanidade de Jesus no Sermão da Vigília do Natal

Ao escrever sobre o processo de integração individual, Bernardo de Claraval apresentou um projeto educativo pautado na contemplação, no desenvolvimento das capacidades cognitivas superiores: intelecto e amor, razão e sensibilidade. A contemplação, para o autor, teria, então, o papel central e fundamental de proporcionar a integridade da pessoa e direcionar suas ações, para o fim último do amor, a caridade. Não há dissociação entre o ato contemplativo e a ação social. A pessoa que contempla deveria estender seu conhecimento e amor em direção ao próximo por meio de ações concretas.

Para Bernardo de Claraval o amor também se realizava por meio do matrimônio espiritual, ou o amor esponsal, pois, o objetivo final do homem é o encontro com Deus e aqui encontramos o coração da sua mística. Bernardo escreveu textos belíssimos sobre o amor, podemos ressaltar os *Sermões sobre os Cânticos dos Cânticos*, um clássico da literatura cristã, traduzido e comentado por inúmeros autores ao longo da Idade Média, mas, segundo os estudiosos, em Bernardo atingiu uma profundidade sem igual.

Nesse artigo, elegemos um pequeno *Sermão*, o *Sermão da Vigília do Natal*, dirigido ao auditório de monges de Cister, durante a vigília do Natal. Essa escolha resulta do entendimento que temos dos escritos do autor e por considerarmos a mística como um pensamento educacional, ensinado a



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

pessoas que já tinham vivido no mundo e experimentado diversos modelos de relações afetivas.

Na introdução geral dos *Sermões Vários* de São Bernardo, Ribadeneira (1953) afirma que suas palavras são frutos do desejo de um abade que quer ver seus filhos se desenvolverem no caminho ascético místico. Essa trajetória partiria da devoção da humanidade de Cristo e da Palavra de Deus.

Sus sermones, pues, de tiempo son el fruto de su devoción a la humanidad de Cristo y de su celo por el progreso espiritual de sus hijos. Su pensamiento sobre la importancia de esta devoción, como medio poderoso en nuestro ascender por los grados Del amor, es claro y terminante (RIBADENEIRA, 1953, p. 115).

Nesses sermões, segundo o autor, a devoção a humanidade de Jesus, aparece como norte, ou seja, a base de todo seu ensinamento aos monges.

El amor o devoción a la humanidad de Cristo será el norte para llegar a la devoción del Verbo. Siguiendo la carne, llegaremos al espíritu. La unión conyugal mística con el Verbo-Esposo será el efecto de nuestra devoción a la humanidad. Amando a Cristo-hombre, aprenderemos a amar Cristo-Dios. La devoción a la humanidad de Cristo es la flor más hermosa del amor de San Bernardo a Jesucristo. [...] Sus sermones sobre los misterios terrenos de nuestro Señor están impregnados de poesía y fervor. Esta devoción a la humanidad de Cristo, San Bernardo la ve en la palabra Jesús. Para él, decir Jesús es sentir en toda su presión un amor muy profundo y muy íntimo hacia la humanidad de Cristo. Por eso, al pronunciar esa divina palabra, sua alma se enamora y sus labios gustan la miel. [...]“Jesús es por quien vive y siente (Serm. 20 sobre el Cantar de los cantares,n.2) (RIBADENEIRA, 1953, p. 114).

Ao anunciar o nascimento de Jesus, durante a vigília da natividade, o abade, inflamando de amor o coração de seus monges, mencionou a expressão “doçura” para explicar o quanto esse acontecimento era importante para a redenção da humanidade.

Escuchadlo, cielos, y tú, tierra, está atenta; asómbrate y prorrumpe en alabanzas del Señor, universo de las criaturas; pero tú, hombre, mucho más. Jesucristo, Hijo de Dios, nace en Belén de Judá. ¿ Quién hay de corazón tan empedernido cuya alma no se derrita a esta palabra? ¿ Que cosa más dulce se podía anunciar? ¿ Que cosa más deleitable se podía decir? ¿ Que cosa igual a ésta se oyó jamás o qué cosa semejante escuchó el mundo alguna vez? Jesucristo, Hijo de Dios, nace en Belén de Judá. ¡ Oh palabra breve de la



TÓRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

palabra abreviada, pero llena de suavidad celestial! Trabaja el afecto intentando derramar en más amplios discursos la copia de esta suavísima dulzura, pero no halla palabras con que explicarlas. [...] ¡ Oh nacimiento sobre la naturaleza, pero para favorecer a la naturaleza, y que al mismo tiempo que la sobrepasa por la excelencia del milagro, la restaura por la virtud del misterio! (BERNARDO DE CLARAVAL. Sermones del tiempo. Em la Vigilia de la Navidad, 1953, n°1, p.229, grifos nossos).

Mais que uma celebração litúrgica ordinária da vida monacal, Bernardo tornou o Natal a expressão máxima do ano litúrgico. A celebração é vivenciada primeiramente em seu coração, pois fala da humanidade de Cristo com afeto, o mesmo que espelha seu sentimento como monge e como homem laico. Não é a razão, mas o afeto que Bernardo quer despertar em seus monges, então, explicitava à eles, por meio da Palavra de Deus, a humanidade de Jesus.

Ensinou que Jesus nasceu em Belém, num lugar simples, homem como eles e, portanto, dotado de sentimentos e também de razão e de capacidade de decidir. Não se trata de sentimento cego, instinto, paixão, mas de afeto, ou seja, sentimento amadurecido que faz do ser humano uma pessoa capaz de amar. Para Bernardo, o coração, o afeto é condição para a liberdade, porque por meio do controle das paixões, os homens controlam suas vontades e é regido pelo livre-arbítrio.

El afecto, movimiento espiritual del corazón, radica em la voluntad y em la libertad. *Es la palanca de la liberación y de la reestructuración de la persona. Quien dice "afecto" dice "corazón"* (SI XC 7, 15 *apud* DE LA TORRE, 1985, p.6, grifos nossos).

Se a reestruturação da pessoa passa pela educação dos sentimentos, nada melhor, para um cristão, mais, um religioso cristão, que começar pelo reconhecimento de Jesus Cristo como Deus que se fez homem, para ensinar os homens a buscarem a santidade.

? Por qué se hizo hombre el Hijo de Dios, sino para hacer hijos de Dios a los hombres?[...] Quiso el Hijo de Dios tener hermanos para ser El el primogénito entre muchos hermanos. Y, para que en nada vacile la pusilanimidad de la humana flaqueza, primero se hizo hijo del hombre, se hizo hombre (BERNARDO DE CLARAVAL. Sermones del tiempo. Em la Vigilia de la Navidad, 1953, n°1, p.230-231).



O reconhecimento da humanidade de Cristo é o ponto de partida da mística de Bernardo. Esse sermão é apenas um exemplo da forma como o autor elabora seu pensamento acerca do encontro contemplativo e do amor. Tudo parte da “[...] economia da salvação, do mistério da nossa redenção em Cristo, mistério cujo fim é o encontro com Deus, de maneira imperfeita nessa vida, mas verdadeiro após a morte e definitivo após a ressurreição do corpo (McGIINN, 2003, p. 246)”.

O princípio da conversão é reconhecer a humanidade de Jesus, porque Nele, Deus santificou o corpo, assumindo a carne e dando uma oportunidade de salvação ao homem mortal. Assim, o autor conclui seu pensamento neste Sermão que apresenta a centralidade do reconhecimento da humanidade de Jesus como propulsora da valorização do homem como criatura de Deus. Por meio da leitura desse Sermão, podemos perceber que, o caminho da ascese e da busca pela contemplação poderia ser iniciado pelo monge num processo educativo que tinha no mosteiro, um lugar privilegiado de aprendizado e desenvolvimento.

Bibliografia

- ANSELMO DE BEC. Monólogo. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril S. A, 1973.
- BERNARDO DE CLARAVAL. Sermones del tiempo. Em la Vigilia de la Navidad. *Obras Completas de San Bernardo*. Madrid: BAC, Vol. I. 1953.
- BERNARDO DE CLARAVAL. Sermones sobre el cantar de los cantares. In: *Obras Completas de San Bernardo*. Livro II. Madri: Autores Cristianos, 1955.
- LECLERCQ, Jean. *Cultura umanistica e desiderio di Dio*. Studio sulla litteratura monastica Del Medioevo. Milano: Saggi/Sansoni, 2002.
- LECLERCQ, Jean. *Umanesimo e cultura monastica*. Jaca Book: Milano, 1989.
- RIBADENEIRA, Pedro. Introdução a Vida de San Bernardo. In: *Obras Completas de San Bernardo*. Livro I. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1953, vol I.
- SIMÓN, A. “Teologia monastica”. *La inovación conceptual e historiográfica de Jean Leclercq*. Tese de doutorado. Roma: Pontificio Ateneo de Santo Anselmo, 2002.
- VANNINI, Marco. *Introdução à mística*. São Paulo: Loyola, 2005.
- VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental, séculos VIII a XII*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.